

INDÚSTRIA E ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO NO BRASIL

Luís Antonio Paulino¹

Resumo: Este artigo discute o papel da indústria para o desenvolvimento do Brasil, levanta alguns indicadores que demonstram a redução crescente da participação da atividade industrial e manufatureira no PIB brasileiro e chama atenção para as possíveis causas do acelerado processo de desindustrialização nacional. Destaca ainda a corrida mundial que se verifica hoje nas economias desenvolvidas para trazer de volta atividades industriais que no passado recente havia migrado de seus territórios e o papel do Estado nesse esforço de reshoring de atividades industriais. A artigo reúne algumas reflexões publicadas anteriormente pelo autor no site Bonifácio (www.bonifacio.net) acrescidas de novas análises sobre o tema.

Palavras-chave: Indústria; Desenvolvimento; Desindustrialização; Brasil.

Abstract: This article discusses the role of industry for the development of Brazil, raises some indicators that demonstrate the growing reduction in the share of industrial and manufacturing activity in the Brazilian GDP and draws attention to the possible causes of the accelerated process of national de-industrialization. It also highlights the global race that is taking place today in developed economies to bring back industrial activities that had migrated from their territories in the recent past and the role of the State in this effort to reshoring industrial activities. The article brings together some reflections previously published by the author on the Bonifácio website (www.bonifacio.net) plus new analyzes on the subject.

Keywords: Industry; Development; Deindustrialization; Brazil.

¹ Professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp), diretor do Instituto Confúcio na Unesp, pesquisador do Instituto de Estudos de América Latina da Universidade de Hubei, China e colaborador do portal Bonifácio.

Introdução

Mesmo uma análise superficial da história recente dos países hoje considerados desenvolvidos nos revela que a industrialização foi o fato determinante para a transformação dessas sociedades. Desenvolvimento e industrialização, na literatura especializada, são praticamente sinônimos. Entre as diferentes taxionomias utilizadas para classificar os países segundo o seu grau de desenvolvimento é muito comum chamar os países desenvolvidos de países industrializados. Da mesma forma, é muito comum associar a interrupção ou mesmo o retrocesso no processo de desenvolvimento dos países com a interrupção em seu processo de industrialização. A Argentina é um caso clássico no qual o fracasso em levar adiante o processo de industrialização resultou não só no estancamento de seu desenvolvimento, como principalmente na regressão em sua condição de economia considerada desenvolvida até a primeira metade do século XX para a condição de economia subdesenvolvida. O termo “armadilha da renda média” que descreve a condição na qual os países, depois de dar os primeiros passos em direção ao desenvolvimento, não conseguem avançar para a condição de países desenvolvidos está diretamente relacionada com a incapacidade de conduzir o processo de industrialização para patamares mais elevados em termos tecnológicos.

Na obra de Marcelo Rougier e Juan Odisio, cujo sugestivo título é “Argentina será industrial o no cumprirá sus destinos. Las ideas sobre el desarrollo nacional (1914-1980)” lê-se:

Difícilmente pode-se colocar em discussão a importância da indústria e sua relevância para o desenvolvimento econômico e social. Ainda mais, os termos “desenvolvimento econômico” e “industrialização” têm sido muitas vezes utilizados como sinônimos. Se bem que as relações entre esses processos sejam complexas e se possa discutir a partir de diferentes perspectivas não estritamente econômicas, é indubitável que a indústria tem um lugar relevante como portadora da atividade econômica e social. A indústria produz as máquinas, equipamentos, partes e componentes, insumos diversos e reformas na organização dos recursos que diversificam a produção, elevam a produtividade, aprofundam as ligações entre os diversos setores e sustenta a própria atividade de pesquisa e desenvolvimento, ou seja, o avanço do conhecimento” (Rougier e Odisio, 2017, p. XIII) (tradução nossa).

A ciência política também destaca a relação entre a industrialização e a democracia moderna. O principal sustentáculo das democracias em todo o mundo são as chamadas classes médias urbanas, que se formaram historicamente graças ao processo de industrialização. Quanto mais industrializado um país, maior será sua classe média e, conseqüentemente, maior a força de sustentação dos regimes democráticos. Não é por outra

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

razão que a emergência das chamadas “democracias iliberais”, tal como o presidente da Hungria denominou seu próprio governo, na verdade um eufemismo para designar governos autoritários de extrema-direita, vem ocorrendo exatamente em sociedades que, pelas mais variadas razões, estão passando por processos acelerados de desindustrialização.

O exemplo mais gritante desse fenômeno são os próprios Estados Unidos, onde uma classe média pauperizada e frustrada pela fuga da indústria americana para países de mão-de-obra mais barata elegeu Donald Trump para presidente. No Brasil também não é possível dissociar a eleição de Jair Bolsonaro, outro líder da mesma estirpe que Trump e Orbán, da crescente frustração de parte expressiva da classe média urbana que viu seus empregos na indústria desaparecerem e foram empurradas para atividades precárias no setor de serviços.

O objetivo deste artigo é consolidar algumas reflexões do autor sobre o tema, algumas delas já anteriormente publicadas na forma de pequenos textos na Revista Eletrônica Bonifácio (<https://bonifacio.net.br/>) do Instituto Bonifácio, ou em relatórios internos do instituto, a elas acrescentando esta introdução e uma conclusão. O artigo está dividido, assim, em quatro partes, mais esta introdução e uma breve conclusão.

Na parte 1 – “Balança comercial recorde oculta desequilíbrios graves da economia brasileira” – analiso os números da balança comercial brasileira em 2021, destacando os graves desequilíbrios que um saldo extraordinariamente positivo oculta, principalmente a enorme dependência de nosso setor exportador de algumas poucas commodities minerais e agrícolas. Destaco também que o saldo positivo da balança comercial se deve às exportações para praticamente um único país – a China – e o fato de termos sido superados por aquele país como o principal fornecedor de bens manufaturados, principalmente máquinas e equipamentos, para nossa vizinha e principal parceira no Mercosul, a Argentina, assim como para as demais economias da América do Sul.

Na parte 2 – “A indústria brasileira está murchando” – analiso o processo de desindustrialização que ocorre hoje no Brasil e quais suas causas na opinião dos diferentes atores envolvidos no processo. Destaco que diferentemente de outros países, como os Estados Unidos, onde o processo de desindustrialização é mais aparente do que real, uma vez que em valores constantes a participação real das manufaturas no PIB tem sido mantido mais ou menos constante nos últimos 60 anos, no Brasil esse participação vem de fato caindo.

Para as lideranças da indústria, principalmente os empresários ligados à Federação da Indústria no Estado de S. Paulo (FIESP) e à Confederação Nacional da Indústria (CNI) o principal problema pode ser resumido na palavra da moda “Custo Brasil” que se traduz por carga tributária elevada, infraestrutura precária e excesso de burocracia. O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI), think-tank que reúne atualmente 50 empresários representantes de grandes empresas nacionais vai mais ou menos na mesma linha. De maneira geral, para os empresários a solução passa por diminuir impostos e simplificar sua cobrança. Já para alguns economistas de orientação liberal, a fragilidade da indústria nacional se deve à excessiva proteção, à falta de acordos globais e à baixa integração nas cadeias de suprimento.

Concluo esta parte afirmando que embora possa haver um grão de verdade em todas essas explicações, o que realmente tem aprofundado esse processo de desindustrialização no Brasil é ausência de uma estratégia nacional de desenvolvimento em um momento em que se observa um enorme esforço por parte dos países desenvolvidos para trazer de volta ao seu território (reshoring) indústrias que no passado recente se mudaram para outros países em busca de vantagens comparativas locais visando reduzir seus custos de produção. Como observou estudo recente do IEDI sobre o tema, “Cabe observar que o florescimento de amplas estratégias industriais no mundo todo já tem quase uma década. A UNCTAD mapeou, entre 2008 e 2016, 114 estratégias em uma centena de países que juntos correspondem a 90% do PIB global, sendo que 74% delas foram adotadas após 2013 (IEDI, 2021).

Na parte 3 – “A Ford deixa o Brasil, mas fica na Argentina” – chamo atenção para outro aspecto do fenômeno que é a saída do país de indústrias estrangeiras aqui instaladas há décadas, tornando o país cada vez mais dependente da importação de produtos manufaturados e insumos industriais. Como destaca o já mencionado estudo do IEDI:

O coeficiente importado de insumos e componentes comercializáveis (CIICC) da indústria de transformação de alta e média-alta intensidade tecnológica registrou elevação de 26,3% em 2003/2004 para 38,7% em 2013/2014 e, então, para 41,4% em 2019. Entre as implicações deste processo está uma menor resiliência à ruptura das cadeias internacionais, como mostrou a pandemia de Covid-19, e por isso muitos países, a exemplo do Plano Biden nos EUA, estão tentando gerir este quadro de modo a reduzir sua vulnerabilidade (IEDI, 2021, p. 17)

A decisão dessa grande montadora de automóveis norte-americana, presente no Brasil há 101 anos, de encerrar suas operações industriais em território nacional pegou o governo brasileiro de surpresa. Analiso, nesta parte, as possíveis razões para tal decisão e

chamo atenção para o fato da propalada amizade entre o presidente Jair Bolsonaro e Donald Trump, presidente dos Estados Unidos na época em que a Ford anunciou sua decisão, não ter feito a menor diferença na decisão da empresa, que preferiu concentrar suas operações industriais na Argentina de Alberto Fernandez, um crítico declarado do presidente americano.

Destaco que problemas de gestão macroeconômica, sobretudo a acentuada desvalorização da taxa câmbio, causada em grande parte pela instabilidade política e pelo isolamento internacional do presidente Bolsonaro, inviabiliza a operação de empresas que dependem da importação de muitos componentes, como é o caso de uma montadora de automóveis. Ou seja, a política macroeconômica neoliberal de Paulo Guedes, os arroubos autoritários de Bolsonaro e o desmonte da política externa brasileira estão contribuindo de forma decisiva para o processo de desindustrialização do Brasil.

Finalmente, na parte 4 – “União Europeia anuncia plano para investir €43 bilhões na produção de semicondutores” – volto a chamar atenção para o fato de assistirmos hoje uma corrida mundial entre as principais potências econômicas para trazer de volta para seus territórios atividades industriais, nomeadamente aquelas intensivas em tecnologia e essenciais para o desenvolvimento da chamada Indústria 4.0 também conhecida 4ª Revolução Industrial, baseada em nanotecnologia, inteligência artificial, Internet 5G e Internet das Coisas.

Destaco sobretudo que, ao contrário do discurso corrente no Brasil, que o Estado é a origem de todos os males e que é preciso privatizar e reduzi-lo ao tamanho mínimo possível, nas economias desenvolvidas, nomeadamente nos Estados Unidos, União Europeia, Japão e Coreia do Sul, isso para não falar em China, o Estado vem assumindo um papel cada vez mais decisivo como promotor e indutor do desenvolvimento tecnológico e das inovações.

1. Balança comercial recorde oculta desequilíbrios graves da economia brasileira

As exportações brasileiras alcançaram, em 2021, o valor recorde de US\$ 280,39 bilhões. O saldo comercial também foi recorde, somando US\$ 61 bilhões. São números extremamente positivos que deram uma importante contribuição para o PIB de 2021. É importante, contudo, examinar esses números em detalhes para verificar as forças e fraquezas

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

que eles revelam, assim como as oportunidades e ameaças com que se defronta a economia nacional.

O primeiro fato a ser destacado é que, em 2021, o crescimento dos preços das mercadorias que o Brasil exporta foi determinante para o valor recorde das exportações e do saldo comercial. O aumento nas quantidades vendidas em relação ao 2020 foi apenas de 3,5%, mas os preços subiram 28,3%. Nas commodities metálicas, os preços saltaram 62,4%. Se acrescentarmos que, somada à alta internacional dos preços, houve uma desvalorização significativa do real em relação ao dólar, a renda em reais apropriada pelo exportadores também foi recorde.

O segundo fato a destacar é que as commodities agrícolas e minerais garantiram o saldo positivo da balança, o que revela a enorme competitividade do Brasil nesses setores da economia. É preciso observar, contudo, que a pauta de vendas ao exterior está cada vez mais concentrada em uns poucos produtos e com seu dinamismo voltado para os bens primários provenientes da agricultura e da indústria extrativa. Minério de ferro, óleos brutos e cobre somaram US\$ 78,1 bilhões das exportações, mais de um quarto do total. Se a eles forem acrescentados, soja e café não torrado, mais farelo de soja e carnes de aves, as vendas somam US\$ 137 bilhões. Ou seja, apenas sete categorias de produtos compõem a metade de tudo o que o Brasil exportou no ano passado. A balança da indústria de transformação, por seu turno, registrou déficit de US\$ 53,36 bilhões no ano passado. Apesar do câmbio favorável, as importações da indústria de transformação cresceram mais que as exportações - 35,1% e 26,3%, respectivamente.

Um terceiro fato relevante é que o país teve déficits em praticamente todos os mercados compradores relevantes, com exceção da Ásia, onde a participação da China é preponderante. Como destacou matéria do jornal Valor:

O Brasil teve pequeno saldo negativo em suas transações com a Argentina (de US\$ 70 milhões), um resultado negativo pouco maior com União Europeia (- US\$ 1,73 bilhões) e outro, substancial, com os Estados Unidos (-US\$ 8,28 bilhões). Ou seja, o bom desempenho exportador do Brasil, hoje, depende quase exclusivamente da China. A China assegurou dois terços do resultado comercial, ou US\$ 41,4 bilhões. A Ásia compra quase metade dos bens exportados brasileiros (46,3%) e a China, quase um terço (32,1%). (Valor, 05/01/2022).

Os fatos acima mencionados, de um lado, revelam que a riqueza de recursos naturais e a competitividade da agricultura brasileira são trunfos importantes do Brasil na economia

global, mas, por outro lado, evidenciam que a concentração em poucos produtos e poucos destinos é uma vulnerabilidade importante da economia brasileira. Além disso, o enorme déficit comercial no comércio de manufaturas é um sintoma preocupante do processo de desindustrialização e reprimarização da economia brasileira. Em seu auge, no final da década de 1970, a indústria brasileira respondia por 30% do PIB; hoje mal passa dos 10%.

Sintomático também desse processo de desindustrialização do Brasil é o fato de estarmos perdendo espaço para a China nas exportações para os países vizinhos da América Latina que, ao lado dos Estados Unidos, sempre foram o principal mercado de exportação de produtos manufaturados brasileiros. Como destaca matéria do jornal Valor (28/01/2022), embora, nos últimos dois anos a China já tivesse ficado à frente do Brasil no comércio bilateral com a Argentina e em 2020 ter ficado à frente do Brasil por uma inferior a US\$ 10 milhões, o que deixou o país asiático e o Brasil com igual fatia de 20,4% no total de US\$ 42,4 bilhões importados pelos argentinos, foi em 2021 que a vantagem chinesa ficou clara.

Com total de US\$ 13,5 bilhões embarcados para a Argentina no ano passado, os chineses ficaram com pouco mais de um quinto - 21,4% - das compras externas do país, um avanço significativo em relação aos 14,3% que detinham em 2011. Os embarques do Brasil para a Argentina, apesar de terem aumentado, o fizeram em ritmo mais lento”. Como destaca a mencionada matéria, “Com vendas de US\$ 12,4 bilhões, correspondentes a 19,6% das importações argentina em 2021, o Brasil levou um tombo na última década. Em 2011, o país detinha 30% das compras externas do sócio do Mercosul, segundo o instituto oficial de estatísticas do governo argentino. (Watanabe, 2022a)

Conforme também informa o jornal Valor (28/01/2022):

Dos US\$ 13,5 bilhões que os argentinos compraram no ano passado de produtos made in China US\$ 4,3 bilhões foram em bens de capital e US\$ 2,7 bilhões em partes e peças para essa categoria de uso. Do Brasil foram, respectivamente, US\$ 1,6 bilhão e US\$ 2,4 bilhões, para um total de US\$ 12,4 bilhões em vendas ao sócio do Mercosul. (Watanabe, 2022b)

O restante das exportações brasileiras para a Argentina está concentra em bens intermediários e veículos automotores.

É errado contrapor indústria e agricultura, como se o avanço de uma implicasse o recuo da outra. Os Estados Unidos, por exemplo, são, ao lado do Brasil, um dos grandes exportadores mundiais de produtos agrícolas e, ao mesmo tempo, abrigam o setor industrial mais avançado do mundo. A participação da indústria no PIB norte-americano também encolheu nos últimos anos, relativamente ao setor de serviços. Mas a diferença em relação ao Brasil é que indústria norte-americana avançou para segmentos de ponta, apoiados em

um poderoso sistema nacional de inovação, formado por indústria, universidades, centros de pesquisa e órgão do governo, como o Departamento de Defesa, o Sistema Nacional de Saúde (National Health Service) e a NASA. No Brasil, ao contrário, o que vimos assistindo é o desmonte desse sistema, com cortes de recursos para pesquisa e inovação, degradação e mercantilização do sistema de ensino, do nível básico à pós-graduação, e sujeição da ciência ao negacionismo.

2. A indústria brasileira está murchando

O fenômeno da desindustrialização do Brasil não vem de hoje. Ganhou força principalmente a partir da primeira década deste século com o boom das commodities no mercado internacional e a consequente valorização das taxas de câmbio, que levou à perda de competitividade da indústria nacional, principalmente frente à concorrência da China. Mas as políticas neoliberais adotadas pelos governos brasileiros depois de 2016 – leia-se Temer e Bolsonaro – estão contribuindo para a crescente perda de espaço da indústria de transformação brasileira não só na economia brasileira, mas também ao nível internacional.

De acordo com relatório divulgado pelo órgão da ONU que trata do desenvolvimento industrial – Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial (Unido) – a participação do Brasil no valor adicionado da indústria mundial, após ter alcançado 2% em 2010, vem encolhendo de forma constante na última década, voltando a recuar, entre 2018 e 2019, de 1,24% para 1,19%. Essa retração fez o Brasil cair mais uma posição no ranking de maiores potências industriais, para a 16ª posição, atrás de outros países emergentes como Indonésia, México, Rússia e Turquia (Martins, 2020)

A reorganização das cadeias globais de valor que deverá ocorrer passada a pandemia da Covid-19 poderia ser uma oportunidade para o Brasil tentar ganhar mais espaço na indústria global, mas isso não vai ocorrer espontaneamente. Seria preciso a adoção de políticas ativas de atração de investimentos, desenvolvimento de infraestrutura, investimentos em educação, ciência e tecnologia. Nada disso, infelizmente está no horizonte do atual governo brasileiro.

A indústria brasileira está murchando. Os números não deixam margem a dúvidas: de uma participação de 35,9%, em 1985, a participação da indústria no PIB nacional caiu

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

para 11,2%, em 2020. É bem verdade que o que interessa é a produção física e não apenas seu valor monetário. Os avanços tecnológicos e o aumento da produtividade poderiam, em tese, reduzir os custos de produção e conseqüentemente o preço final dos produtos, de modo que a redução na participação da indústria no PIB, medida em termos monetários, não significaria necessariamente redução no volume de produção manufatureira local. A participação da indústria no PIB dos países desenvolvidos, como os Estados Unidos, em volume, tem se mostrado mais ou menos constante nas últimas seis ou sete décadas.

Conforme revela estudo do Federal Reserve Bank of St. Louis o PIB do setor manufatureiro nos Estados Unidos, medido a preços nominais caiu de 28,1%, em 1953, para 12%, em 2015. Mas quando medida a preços constantes, a participação da manufatura no PIB real dos Estados Unidos tem se mostrado constante, variando de 11,3%, em 1947 para 11,7% em 2015 (Chien, Y, e Morris, P, 2017).

Aparentemente não esse não é o caso do Brasil. Conforme informa estudo do Ipea:

O Brasil experimentou, entre os anos de 2007 e 2018, uma queda na produtividade total dos fatores (PTF) na maioria dos setores da indústria brasileira. Nesse período analisado, os fatores de produção empregados na indústria ficaram aproximadamente 14,3% menos produtivos. Dos 29 setores industriais, somente quatro tiveram ganhos na PTF. (Mendonça, Pereira e Pinna, 2020)

A redução da participação da indústria no PIB deve-se, portanto, tanto à queda relativa no volume de produção manufatureira, quanto à redução no valor adicionado local, graças ao aumento no uso de insumos importados. Desse modo, podemos considerar a queda na participação da indústria no PIB nacional como um sinal inequívoco de um processo prematuro de desindustrialização que acometeu o Brasil a partir do início da década de 1990. As razões para isso são várias e dependendo da posição de quem explica o fenômeno, a ênfase recai sobre causas diferentes.

Para a indústria, cuja posição normalmente é vocalizada pelas associações, sindicatos e federações patronais, cujas principais porta-vozes são a Fiesp e a CNI, as principais causas podem ser encapsuladas no famoso “Custo Brasil”, que engloba carga tributária elevada, infraestrutura precária e excesso de burocracia. A esses fatores acrescentam o câmbio valorizado e os juros escorchantes. Tudo isso é verdade, mas em momentos em que o câmbio esteve desvalorizado e os juros mais baixos nem por isso a indústria recuperou-se. Em 2021, apesar do câmbio favorável, as importações da indústria de transformação cresceram mais que as exportações – 35,1% e 26,3%, respectivamente. Os benefícios fiscais para indústria

introduzidos no governo Dilma e até hoje vigentes tão pouco lograram reverter a tendência de queda.

Para muitos economistas, em geral reunidos em think-tanks de orientação liberal, a fragilidade da indústria nacional se deve à excessiva proteção, à falta de acordos globais e à baixa integração nas cadeias de suprimento. Se apenas isso explicasse o problema, a abrupta abertura comercial promovida por Fernando Collor no início dos anos 1990, a criação do Mercosul, em 1991, e a adesão do Brasil à OMC, em 1994, teriam catapultado a indústria nacional, mas o que se viu foi o contrário.

Como destacou editorial do jornal o Estado de S. Paulo (16/02/2022, p. A3):

Mas entre 2010 e 2019, segundo a Confederação Nacional da Indústria, enquanto as importações globais da América do Sul subiram 12,9% as exportações do Brasil para a região caíram 24,7% e as importações, 20,4%. O maior impacto é sobre os produtos manufaturados, que respondem por 82% das exportações brasileiras para o Cone Sul.

O espaço tradicionalmente ocupado pela indústria brasileira nos 13 países da região vem sendo ocupado crescentemente pela China.

É provável que todas as causas mencionadas tenham algum peso para explicar o acelerado processo de desindustrialização do Brasil. Circunstâncias externas, alheias à nossa vontade e fora de nossa governabilidade, também contribuem para esse quadro negativo. Mas se observarmos a trajetória de outros países que há 30 ou 40 anos atrás tinham uma situação semelhante ou mesmo pior que a do Brasil, como a China e a Coreia do Sul, por exemplo, não é possível deixar de reconhecer que a falta de uma estratégia nacional para o setor talvez seja a causa principal de nosso infortúnio.

E quando se fala em estratégia nacional para a indústria isso não se está propondo a adoção de um planejamento centralizado como os adotados pelos outrora países socialistas ou a repetição anacrônica dos velhos modelos de substituição de importações. Todos os países bem sucedidos abandonaram esses modelos rígidos e lançaram mão dos mecanismos de mercado. O melhor exemplo disso é a China. Estratégia nacional para a indústria significa basicamente três coisas: ter um objetivo de longo prazo de onde queremos estar em termos de desenvolvimento industrial para os próximos 20 ou 30 anos; ter um plano, um caminho a seguir, definindo o papel do estado, do setor privado, das universidades e institutos de pesquisa, enfim, do que se convencionou chamar sistema nacional de inovação; ter um

padrão de conduta, ou seja, definir políticas e mecanismos de longo prazo que facilitem o atingimento desses objetivos.

3. A Ford deixa o Brasil, mas fica na Argentina

Depois de 101 anos de atividade contínua em nosso País, completados em 24 de abril de 2020, a decisão da Ford de deixar definitivamente o Brasil causou certa comoção. Afinal, 101 anos não são 101 dias. Para piorar as coisas, a decisão da montadora americana de continuar suas operações fabris na Argentina deve ter sido sentida pelo governo como uma facada nas costas. Afinal, é assim que os americanos nos pagam por tudo o que fizemos por Trump?

Fomos contra os interesses do Brasil, renovando as cotas de importação de etanol de milho só para dar uma força ao amigo americano numa disputa eleitoral acirrada; estávamos concordando em deixar os chineses de fora de nosso 5G para ajudar os irmãos do Norte na luta pelo predomínio tecnológico do mundo mesmo que isso atrasasse a instalação das redes 5G no Brasil e tornasse as nossas contas de telefone e Internet muito mais caras; destruimos a política externa brasileira, tornarmo-nos um pária internacional, apenas nos colocar a serviço do Tio Sam. E é assim que nos retribuem? Fechar a fábrica no Brasil e manter as operações na América do Sul na terra do “esquerdista” Alberto Fernandez?

Para Bolsonaro, que vê tudo pelo prisma das relações pessoais – “como vocês sabem sou ligado ao Trump” – isso deve ter doído. Tratou logo de desqualificar a montadora para livrar a própria face: a empresa queria ganhar subsídios além dos R\$ 20 bilhões que já tinha recebido nos últimos anos. Também minimizou a perda de empregos, são apenas cinco mil e criamos 142 mil só esse ano.

Não é bem assim. Parte dos motivos que levaram a montadora a sair do Brasil são equívocos – poderíamos falar assim? – dela própria. Em 2018 a montadora anunciou mundialmente que iria parar de produzir automóveis de passeio e se concentrar na produção de caminhonetes e SUVs. Parar de produzir automóveis de passeio e se concentrar na produção de caminhonetes e SUVs quando o mundo migra para os carros elétricos e a Tesla tem um valor de mercado maior do que todas as montadoras tradicionais juntas? Bem, isso é problema deles.

Quanto aos empregos não são apenas 5 mil. Esses são os empregos diretos. A edição do jornal Valor Econômico de 9 de janeiro fez as contas certas:

Só em Camaçari, na Bahia, são 12 mil pessoas, entre funcionários e fornecedores, que ficarão sem emprego direto. Contando os indiretos, o impacto chega a 72 mil pessoas. Em Taubaté, no interior de São Paulo, onde a Ford também encerrou as atividades de sua fábrica de motores, foram outros 1.400 empregos diretos e indiretos. E ainda tem a fábrica em Horizonte, no Ceará, com 470 empregos diretos e indiretos. Ou seja, em vez dos 5 mil empregos aos quais o presidente se referiu, a decisão da Ford comprometerá 73.870 postos de trabalho (Fernandes, 2021)

Mas voltando ao que nos diz respeito, a saída da Ford não seria algo tão dramático se não estivesse em um contexto mais amplo de desindustrialização pelo qual o Brasil vem passando e que se acelerou nos últimos anos por conta dos seguidos equívocos de política econômica, tributária e industrial.

A Argentina, que começou a cobrar impostos sobre grandes fortunas, em janeiro de 2021, tem uma estrutura tributária mais atrativa aos negócios que a brasileira, comandada pelo ultraliberal Paulo Guedes, que não consegue levar à frente a tão falada reforma tributária. A bem da verdade, a culpa não é só dele. Se fala em reforma tributária no Brasil para resolver o cipoal de impostos que asfixia as empresas e suga o trabalhador, pelo menos desde 1986, mas jamais se põe a mão no bolso dos ricos.

Nunca algo digno desse nome, que crie de fato uma estrutura tributária justa, pró-crescimento, simples, realmente foi feito. Mas há também o problema do câmbio. Para qualquer empresa que dependa da importação de partes e componentes, como é o caso das montadoras de automóveis, um câmbio muito desvalorizado e, mais do que isso, instável, inviabiliza o cálculo econômico. A empresa passa a fazer um voo cego. Como lembrou Maria Cristina Fernandes, no mesmo Valor Econômico, em 12/01/2021, “Com um dólar a R\$ 6,27, os insumos importados desta indústria inviabilizam a produção. A operação da Ford no Brasil reportou prejuízos tanto por ter perdido a corrida para outras marcas como pela instabilidade econômica do país” (Fernandes, 2021). E a instabilidade econômica do Brasil tem endereço conhecido. Quem quiser saber onde ela mora não terá dificuldade de encontrá-la.

4. União Europeia anuncia plano para investir €43 bilhões na produção de semicondutores

A presidente da Comissão Europeia, poderoso braço executivo da União Europeia, Ursula von der Leyen anunciou, no dia 08 de fevereiro, um ousado plano para aumentar a participação do bloco europeu no mercado mundial de semicondutores dos atuais 9% para 30% até 2030. Para alcançar esse objetivo anunciou investimentos de € 43 bilhões a serem bancados em parte pela própria União Europeia, em parte pelos países membros e também pelo setor privado.

O anúncio vem no rastro de iniciativas semelhantes tomados por diversos países do mundo como os Estados Unidos, a China e a Coreia do Sul. Recentemente, o presidente Joe Biden anunciou que o governo americano irá investir US\$ 52 bilhões com o mesmo objetivo. A presidente da Comissão Europeia justificou a alta aposta no setor afirmando que “Os chips estão no centro da corrida tecnológica mundial. Eles também são, claro, a base de nossas economias modernas” (Casert, 2022).

Outro fator importante que está por trás dessa iniciativa é que a União Europeia percebeu o enorme risco político da dependência econômica. A pandemia da Covid-19 expôs a enorme vulnerabilidade das cadeias de suprimento e muitos países estão tomando iniciativas com o objetivo de aumentar a resiliência de suas economias frente a choques adversos.

No caso dos semicondutores, o desabastecimento provocado pela paralização das fábricas e portos por causa Covid-19, pelas nevascas no Texas, pela seca em Taiwan e pelo conflito entre Estados Unidos e China provocou a interrupção das linhas de montagens de automóveis a smartphones e computadores em todo o mundo, pois esses pequenos dispositivos são o cérebro dos novos produtos.

Em grande medida a disparada inflação que alcançou 7,5% nos Estados Unidos e 5,1% na União Europeia neste início de ano se deve à disparada de preços em itens com grande peso no cálculo dos índices de preços, como os automóveis novos e usados. Em 2021, quando a economia se recuperava as cadeias de fornecimento de semicondutores ficaram congestionadas e os consumidores, em diversos países, precisaram esperar mais de um ano para receber carros novos fazendo disparar o preço dos carros usados.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

Atingir a meta de 30% do mercado mundial de semicondutores será um desafio e tanto para a União Europeia, pois exigirá alcançar os 40% dos custos de produção oferecidos por outros competidores como a Coreia do Sul. O plano prevê a construção, com dinheiro público, de três fábricas piloto para qualquer companhia usar ao custo de € 11 bilhões. Os outros € 32 bilhões previstos no plano devem vir dos países membros e das empresas privadas. Duas empresas gigantes do setor, a holandesa ASML, principal fabricante mundial de máquinas para a produção de chips, que recentemente foi proibida pelos Estados Unidos de exportar para a China, e a Intel já declararam apoio ao plano. A Intel planeja construir duas fábricas de chips na Europa, provavelmente na Alemanha, com um investimento de € 20 bilhões.

Isso tudo mostra como o discurso neoliberal de parcela da burocracia pública e da elite acadêmica brasileira, que vê no Estado a origem de todos os males que afligem o país, tornou-se anacrônico. Tanto a pandemia da Covid-19 e seus efeitos diretos e indiretos sobre a economia quanto os novos desafios da chamada 4ª Revolução Industrial mostraram que mais do que nunca é preciso de Estado forte, indutor das inovações e do desenvolvimento.

Obviamente isso não é o mesmo que um Estado inchado ou dominado por corporações e interesses políticos menores consubstanciados no absurdo de se ter parte expressiva do orçamento público gasto por meio de “emendas secretas”. Muito menos um Estado arrecadador de impostos, emissor de dívida e liquidador do patrimônio nacional para alimentar o capitalismo parasitário da elite financeira globalizada.

5. Conclusão

Para o Brasil reencontrar o caminho do desenvolvimento, abandonando nos últimos cinco anos, é preciso estabelecer uma estratégia de desenvolvimento que recoloca a indústria e a retomada do crescimento no centro da agenda. Preocupações distributivas obviamente têm que ocupar um lugar destacado na agenda nacional, principalmente por ser o Brasil, um dos países mais desiguais do mundo, mas não se pode perder de vista que para distribuir é preciso produzir e para isso a indústria tem um papel chave, não só porque gera empregos de melhor qualidade, mas também porque puxa as demais atividades, sobretudo o setor de serviços.

Referências bibliográficas

- CASERT, R. UE prevê €43 bi para apoiar produção local de chips. **Valor Econômico**, 09/02/2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2022/02/09/ue-preve-euro-43-bi-para-apoiar-producao-local-de-chips.ghtml> Consultado em 10/03/2022.
- CHIEN, Y. e MORRIS, P. Is U.S. Manufacturing Really Declining? April 11, 2017, **Federal Reserve Bank of St. Louis**. Disponível em: <https://www.stlouisfed.org/on-the-economy/2017/april/us-manufacturing-really-declining>. Consultado em: 09/03/2022.
- FERNANDES, M. C. Análise: Bolsonaro se vale de três engodos para explicar saída da Ford. **Valor Econômico**, 12/01/2021. Disponível em: <https://valor.globo.com/politica/noticia/2021/01/12/analise-bolsonaro-se-vale-de-tres-engodos-para-explicar-saida-da-ford.ghtml>. Consultado em 09/03/2022.
- IEDI, **Indústria e Estratégia de Desenvolvimento Socioeconômico do Brasil** (publicado em 20/09/2021). Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI). Disponível em: https://www.iedi.org.br/artigos/top/estudos_industria/20210920_industria_e_estrategia.html. Consultada em:09/03/2022.
- MARTINS, A. Fatia do Brasil na indústria global segue em queda. **Valor Econômico**, 17/09/2020. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2020/09/17/fatia-do-brasil-na-industria-global-segue-em-queda.ghtml> Consultado em 10/03/2022.
- MENDONÇA, M. J., PEREIRA, R. M., PINNA, B. **Uma análise da produtividade brasileira. Nota Técnica Nº 19/Novembro de 2020**. Brasília:IPEA.
- O ESTADO DE S. PAULO. América Latina é crucial para o Brasil. **O Estado de S. Paulo**, 16/02/2022, p. A3. Disponível em: <https://digital.estadao.com.br/o-estado-de-s-paulo/20220216/textview>. Consultado em 10/03/2022.
- ROUGIER, M. e ODISIO, J. **“Argentina será industrial o no cumplirá sus destinos”. Las ideas sobre el desarrollo nacional (1914-1980)**. Buenos Aires, Ediciones Imago Mundi, 2017.
- VALOR ECONÔMICO. Saldo Comercial recorde expõe ineficiência produtiva. **Valor Econômico**, 05/01/2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2022/01/05/saldo-comercial-recorde-expoe-ineficiencia-produtiva.ghtml> Consultado em 10/03/2022.
- WATANABE, M. (a) China desbanca Brasil e lidera exportações para a Argentina. **Valor Econômico**, 28/01/2022. Disponível em: <https://valor.globo.com/impreso/noticia/2022/01/28/china-desbanca-brasil-e-lidera-exportacoes-para-a-argentina.ghtml> Consultado em 10/03/2022.

MUNDO E DESENVOLVIMENTO

Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais

WATANABE, M. (b) Disputa por mercado envolve confronto entre máquinas e veículos.
Valor Econômico, 28/01/2022. Disponível em:
<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2022/01/28/disputa-por-mercado-envolve-confronto-entre-maquinas-versus-veiculos.ghtml> Consultado em
10/03/2022.